

O MITO DE OXUMARÉ: O DUPLO E A SÍNTESE

Dirciara Barañano Souza¹

RESUMO

O povo brasileiro é atravessado e influenciado por várias culturas e, entre elas, a forte presença da cultura africana, que integra a história dessa nação. Neste artigo, o objetivo é dialogar com a figura mítica de Oxumaré pelo viés epistemológico da psicologia analítica de Carl Gustav Jung, visto que os deuses são potências psíquicas ou arquetípicas com força extraordinária, sendo modos de ser e funcionar que habitam o inconsciente coletivo, metáforas para núcleos de fantasias da psique. Enquanto relevância, sinaliza-se nos mitos iorubas narrativas que se constituem como referências de metáforas para entendimento da sociedade contemporânea e, conseqüentemente, de cada indivíduo na sua particularidade. Assim, a configuração arquetípica de Oxumaré liga-se a temas da atualidade, como a corrida desenfreada pela juventude e beleza, que culmina numa cultura do antienvelhecimento, disfarçada pelo nome de harmonização e que contradiz, e pode diluir, pautas ligadas a importância da ancestralidade.

Palavras-chave: Mitologia; Psicologia analítica; Religião; Espiritualidade.

¹ Doutora em Enfermagem pela Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (EENF-UFRGS), Especialista em Psicologia Analítica pelo Centro de Analista Associados Junguianos (CEJAA) e, Analista em Formação (CEJAA), integrando a linha de pesquisa complexos culturais e o adoecimento psíquico – núcleo de estudos religião, psicopatologia, sociedade.

Introdução

Ao começar esta escrita, que poderia ter tantos inícios ou fins, diante de tantos pensamentos e inquietações, surge o confronto da repressão da fantasia criativa com o pensamento linear que culmina com a dúvida: o que 'eu' digo agora? Num instante de devaneio, me percebo apreciando a cena das lavadeiras de Alagoas de Graciano Ramos (2016). Diz ele:

“Deve-se escrever da mesma maneira como as lavadeiras lá de Alagoas fazem seu ofício. Elas começam com uma primeira lavada, molham a roupa suja na beira da lagoa ou do riacho, torcem o pano, molham-no novamente, voltam a torcer. [...] Pois quem se mete a escrever devia fazer a mesma coisa; a palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso; a palavra foi feita para dizer” (2003, contracapa).

Penso que esse escritor, não aparece para dialogar por acaso, mas se impôs como um orientador que acolhe e incentiva seu orientando a hora de parar de rodear e habilitar-se a escrita, a se expor. Seguindo esse fluxo de pensamento imagético, pelas águas, pelas beiras da lagoa ou riacho, é possível ouvir o barulho da queda d'água e o cheiro molhado pelo vapor das águas que na dobra da queda suspende-se colorido no ar. Sim, diz aquela voz inaudível: oriente-se pelos caminhos do arco-íris, por ele se pode subir e depois descer, em recorrentes transformações, fins e recomeços, sem com isso decifrar o mistério desse círculo mágico da vida-morte-vida. Em conexão com esse fluxo, surge a lembrança daquela pergunta feita à Jung, sobre o fluxo de energia psíquica, pela Dra. Ward: “Você fala de energia como se ela caísse de um nível superior para um nível inferior e usa a cachoeira como ilustração. Como você explica a energia oposta, embora igual, que eleva a água para a nuvem de chuva?” (JUNG, 2014, p. 131).

Que fascinante, tudo isso associa-se muito bem com uma divindade africana que, segundo a lenda, participou da criação inicial da vida e representa o movimento dessa, o *continuum vitae*, enrolando-se ao redor da terra e dando forma ao mundo. A Divindade do arco-íris. Sua presença, seu ponto de força na natureza? O topo das cachoeiras (Augras, 1983). Então, responde Jung (2014): “[...] quando a água sobe para o alto, existe sempre uma fonte adicional de energia; [...] a energia do sol a eleva. A água elevada até às nuvens deve cair novamente”(p.131). Na mitologia africana, o arco-íris é representado pelo Orixá Oxumaré, símbolo de eterno

recomeço, levando as águas do mar para o céu, onde as nuvens se formam e depois voltam para a terra em forma de chuva e, assim, o ciclo eterno se estabelece.

Monique Augras (1983) ao discorrer sobre os Orixás, ou deuse(a)s, refere-se a potências que “dirigiram para o homem, desde tempos primordiais, mensagens que ainda orientam sua vida e seus comportamentos, cujo, significado está sempre presente a cada dia”(p.14).

Pelo referencial teórico da psicologia analítica, deuses são potências psíquicas ou arquetípicas com força extraordinária, sendo modos de ser e funcionar que habitam o inconsciente coletivo², metáforas para núcleos de fantasias da psique (BARCELOS, 2019). Estamos falando aqui de arquétipos, fontes de energia que integram a nossa psique e, portanto, reconhecer-lhes as forças é ter consciência de nossa pequenez. “Na esfera da força de vontade temos escolha, mas para além dela não temos nenhuma escolha” (p.132). Em 1908, Jung inscreve no portal de sua casa em Zurique “*Vocatus atque non, Deus aderit*”: Chamado ou não, Deus está presente (JUNG, 2020, p. 13). Pode-se dizer que invocado ou não, o Inconsciente está presente, sendo “o mito dos povos verdadeiros expoentes do inconsciente coletivo” e, toda mitologia pode ser entendida como uma projeção do mesmo, dentro de uma época, de uma cultura (JUNG, 2013, p. 97).

Ondeando e serpenteando pelo mito Oxumaré

Sabe-se que povo brasileiro é atravessado e influenciado por várias culturas e, entre elas, a forte presença da cultura africana, essa se integra a história dessa nação (BOECHAT, 2014), sendo os mitos iorubas narrativas presentes como referências de metáforas para entendimento da sociedade contemporânea e, conseqüentemente, de cada indivíduo na sua particularidade. Nesta perspectiva, busca-se neste artigo dialogar com a figura mítica de Oxumaré. Sem nem por um minuto ousar na pretensão de interpretá-la, ou fazê-la pronta, cabe fechar os olhos para apreciá-la, imaginá-la. E, como “uma forma de proteção psicológica,

² O inconsciente coletivo é uma parte da psique que pode distinguir-se de um inconsciente pessoal pelo fato de que não deve sua existência à experiência pessoal, não sendo, portanto, uma aquisição pessoal. Enquanto o inconsciente pessoal é constituído essencialmente de conteúdos que já foram conscientes e, no entanto, desapareceram da consciência por terem sido esquecidos ou reprimidos, os conteúdos do inconsciente coletivo nunca estiveram na consciência e, portanto, não foram adquiridos individualmente, mas devem sua existência apenas a hereditariedade. Enquanto o inconsciente pessoal consiste em sua maior parte de complexos, o conteúdo do inconsciente coletivo é constituído essencialmente de arquétipos (JUNG, 2000, p.51).

metafórica”, cabe pedir licença, *agô*³, na busca de um apaziguamento com essa potência (BARCELOS, 2019, p. 42). Na mitologia africana, Oxumaré é associado a cultura dos povos ‘Fon’ da antiga Daomé, atual Benin, localizada no oeste da África. Esses povos cultuavam a divindade (deusa) daomena Dã, a serpente do arco-íris, o mito da grande Ourobóros que gira em torno da terra, distribuindo sua força cósmica. Augras (1983), ao descrever o que chama de “modelos míticos” do candomblé, vincula essa origem histórica, ao fato desse deus iorubano ser associado, no Brasil ao candomblé Jeje, à grande cobra do arco-íris.

O pensamento imagético, continua a insinuar-se ao acessar as mulheres nordestinas, lavadeiras, à beira da lagoa ou riacho, do início dessa escrita, ao enroscá-las com a história da poderosa irmandade de ‘mulheres guerreiras’ da Costa da Mina da antiga Daomé. Essa história foi narrada, cantada e dançada no enredo do samba⁴ - Arroboboi, Dangbé, que homenageou a força das mulheres negras, representada pela serpente Dã, figura mítica sagrada em antigos territórios africanos. Evidenciou a necessidade de renovação, que passa pelo não apagamento dos enraizamentos de nossa origem, de nossa ancestralidade. A história foi recontada, recantada, serpenteada e ampliou vozes do feminino sagrado, das heranças africanas que integram a alma brasileira.

Na teia de relações, de histórias, de narrativas do deus iorubano (orixá) Oxumaré, consta que Nanã fazia muita questão de ter um filho com Oxalá, o pai de todos os deuses. O primeiro filho, não agradou e a mãe livrou-se dele, sendo Obaluaê criado por iemanjá. O deus do destino, Oxalá, declarou que ela teria um outro filho, belíssimo, tão bonito quanto o arco-íris, mas que jamais ficaria junto dela, e viveria percorrendo o mundo sem parar. Junto com sua mãe Nanã e seu irmão Obaluaê, compõem os três deuses ligados ao mistério da morte, sendo que Oxumaré “sintetiza a duplicidade do ser, mortal no corpo e imortal no espírito, bem como a necessidade de transformação”. Oxumaré é um deus duplo. Sua natureza dual “por pertencer ao céu e a terra, a água e a luz” exprime a **união dos contrários**” (AUGRAS, 1983, p. 130). Pode-se dizer que tem em seu princípio a

³ Em iorubá, *agô* é pedido de licença para movimentos de entrada, saída, passagem etc. (AUGRAS, 1983).

⁴ A Escola de Samba Unidos do Viradouro foi a campeã do Grupo Especial, conquistando seu terceiro título na elite do carnaval carioca (Rio de Janeiro/RJ) de 2024. O enredo "Arroboboi, Dangbé" foi desenvolvido pelo carnavalesco Tarcísio Zanon, que conquistou seu segundo título no Grupo Especial. O desfile abordou a história do culto ao vodum Dambê, representado por uma píton-real, desde a manifestação da energia na costa ocidental da África até a chegada do culto ao Brasil, com a instalação de terreiros na Bahia pela sacerdotisa Ludovina Pessoa e a formação do candomblé Jeje.

conexão, que pode ser representada no arco-íris, a grande serpente colorida, como “caminho e mediação [...]. É a ponte [...] entre o outro mundo e o nosso” (CHEVALIER, GHEERBRANT, 1990, p.77). Uma ponte, um caminho, uma possibilidade de comunicação entre o ego e o self. Um caminho de tomada de consciência e de sua amplificação, um caminho para a individuação⁵.

Para os alquimistas, o arco-íris, por ficar entre a água pura, límpida e corrente e a terra, exprime toda a propriedade do enxofre que brilha como o arco-íris sobre as águas. Sendo o enxofre descrito como semelhante à alma no meio da natureza, uma força que anima, confere vida, está no meio entre o espírito e o corpo como ligamento dos dois (JUNG, 1985).

“Em correspondência com sua duplicidade constante, o enxofre tanto é corporal e terreno, como também um **princípio oculto** [grifo meu] e espiritual [...] é a alma não apenas dos metais, mas também de todos os seres da natureza[...] simplesmente por ser uma entidade ctônica, o enxofre está intimamente relacionado com o dragão [...] o nosso enxofre secreto. [...] é, também, *a aqua divina*, que é simbolizada pelo Ourobóros” (p. 107-108).

O dragão corresponde a forma mitológica da serpente e, como animal, simboliza algo inconsciente, “um movimento instintivo, mostra o caminho para o tesouro escondido, ou guarda o tesouro [...] expressa a libido introvertida”. E o que tem mesmo no fim do arco-íris? Dizem que um baú com um tesouro, lá está uma grande riqueza. O fim do arco-íris é em cima ou embaixo? “A serpente desvia o movimento psicológico aparentemente para o reino das sombras, dos mortos e das imagens erradas, mas também para a terra, para a concretização [...]” (JUNG, 2014, p. 134).

Na narrativa mítica, Oxumaré durante seis meses vive na terra, sua natureza é masculina, é uma grande serpente que manda nas florestas. Igual a todas serpentes míticas, Oxumaré é imortal, apesar de ter sido recortado em vários pedaços por Odé, o grande caçador, logo renasceu para afirmar seu poderio. Nos seis meses restantes, ele se transforma em bela moça, Bessém, ninfa que vive nos rios e nos lagos. Na perspectiva junguiana, “o fato de as pessoas falarem de renascimento e de simplesmente haver um tal conceito, significa que também existe uma realidade psíquica assim designada. [...] uma das proposições mais originárias

⁵ Processo corresponde ao decorrer natural de uma vida, em que o indivíduo se torna o que sempre foi. E porque o homem tem consciência, um desenvolvimento desta espécie não decorre sem dificuldades; muitas vezes ele é vário e perturbado, porque a consciência se desvia sempre de novo da base arquetípica instintual, pondo-se em oposição a ela (JUNG, 2013, p. 49).

da humanidade” que ele denomina de arquétipo do renascimento (JUNG, 2000, p.122). Ao abordar a psicologia do renascimento, Jung distingue dois tipos de vivências: a vivência da transcendência da vida, e, segundo, a de sua própria transformação.

“Nos dramas de mistérios a transcendência da vida é representada, em face de suas formas concretas e constantes de manifestação, geralmente através do destino de morte e renascimento de um deus ou herói divino. [...] O neófito participa ritualmente da morte, do despedaçamento e da dispersão do corpo de Osíris, por exemplo, e, logo em seguida, de sua ressurreição. Ele faz assim a experiência da permanência e continuidade da vida que ultrapassa todas as modificações das formas manifestadas e sempre ressurge como fênix das próprias cinzas”(JUNG, 1985, p.122-123).

Para Contrera (2018), muitos dos problemas do mundo contemporâneo são consequências de um desequilíbrio da psique individual e coletiva, provocado justamente pelo esvaziamento dos símbolos, esterilização da imaginação e da dificuldade em ritualizar. Os rituais, na leitura junguiana, funcionam como portais pelos quais se pode entrar nas profundezas do inconsciente coletivo, onde o poder das imagens simbólicas serve para nos ligar com pensamentos, visões e conhecimentos daquele algo mais que se constitui como mistério, como sagrado. A vivência ritualística, favorece uma ampliação de consciência, uma mudança estrutural da personalidade ou o ingresso num novo *status* de vida na comunidade, promovendo o amadurecimento do indivíduo. Mas, se na atualidade, os indivíduos em grande parte, perderam o contato com essas vivências que festejam as experiências essenciais da vida humana, também acabam por ficar presos em algum lugar/tempo, dificultando a dinâmica da vida psíquica e, conseqüentemente, do processo de individuação. Isso, já acena um desalinho com as potências desse deus que representa a reconciliação dos opostos. Esse deus pode chegar na clínica sob o nome da “bipolaridade”.

O senhor dos ciclos, representado pela grande cobra Ourobóros, a “transmutação perpetua da morte em vida”, enquanto dialética da vida e da morte, no seu desequilíbrio, parece se mostrar em terra numa cultura do antienvelhecimento (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1990, p. 816).

Novaes (2024, p.70), nos leva a refletir sobre uma neurose cultural que empurra a velhice para um lugar sombrio,

“O corpo dá sinais de que a morte se aproxima e o ego tenta enganar a si mesmo desenvolvendo medidas de segurança contra o envelhecimento e, conseqüentemente, contra a morte. É um eterno ciclo de má fé consigo mesmo. [...]”.

Na contramão da corrida pela aparência jovem e culto a beleza, têm-se uma sociedade que está envelhecendo, mas que vêm se desviando da experiência natural da vida. A desvalorização do velho se reflete em afastamento da ancestralidade e, em casas de longa permanência lotadas de histórias em processo de apagamento, que culmina em adoecimentos da alma individual e coletiva. Destaca-se a importância de pensar/imaginar esse mito, que é expressão de ciclos que não se interrompem, de opostos complementares, de comunicação com a espiritualidade/transcendência, com os indivíduos e seus antepassados, com a ancestralidade. A tensão vida e morte é um contexto natural, pois não existe a possibilidade de vida sem morte. Ao se defender da morte o indivíduo não se transforma e, portanto, não renasce. Fica polarizado, trava em suas possibilidades enquanto ser criativo, inovador, capaz de simbolizar, encantar-se, transformar a vida. É como ficar perdido num limbo entre a vida e a morte, não há renascimento. A Ourobóros, também é “símbolo de manifestação e da reabsorção cíclicas, é a união sexual em si mesma, autofecundadora permanente”, confunde-se o início e o fim, a cauda em união com a boca (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1990, p. 816).

Na sua dualidade, Oxumaré é tanto masculino como feminino, o que remete ao arquétipo original do hermafrodito⁶ e, conseqüentemente, a temas da atualidade como a pauta LGBTQIA+⁷. As cores do arco-íris, enquanto representação social, associam-se a bandeira de luta contra a homofobia, transfobia e toda forma de intolerância associada a esse tema. Esse deus, especificamente, nos convida a um olhar atento para o preconceito e negligência social que avoluma a sombra individual e coletiva brasileira. Alencar (2024, p.2) salienta a importância desse olhar e de “encarar e avaliar os fatos para não sucumbir a complexos culturais que reforçam ainda mais os preconceitos de nossa sociedade” e, a sensibilidade de não se descartar esses conteúdos no *setting* terapêutico, visto influenciarem a vida e as problemáticas dos indivíduos. De acordo com SCANDIUCCI,

⁶ JUNG, Carl Gustav. *Mysterium coniunctionis: pesquisas sobre a separação e composição dos opostos psíquicos na alquimia*. Petrópolis: Vozes, 1985

⁷ LGBTQIA+ (lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, queer, intersexo, assexual com um sinal “+” para reconhecer as orientações sexuais ilimitadas e de identidades de gênero.

“ A teoria junguiana pode ser facilmente criticada por sua ordem linear, pelas identidades fixas, os arquétipos herdados, a relação direta com o biológico e o anatomicamente sexual etc. No entanto, sua teoria permite que ambos os gêneros residam num indivíduo, mas coloca a emergência lenta e apropriada sexualmente do contrassexual a partir do inconsciente” (2019, p. 120).

Ao discorre sobre a alma LGBTQIA+, Guilherme Scandiucci (2019) faz uma revisão crítica das ideias de Carl Gustav Jung a respeito da sexualidade e das questões de gênero e possíveis aproximações da teoria junguiana com fenômenos da contemporaneidade e sinaliza que a relativização da sexualidade e a não polarização de masculino-feminino, que se observa atualmente, podem trazer ganhos na abertura de imagens que chegam até os analistas na prática clínica. “*anima* e *animus* devem abrir os horizontes do ego, e não fechar concepções em torno de características universais e atemporais presentes no masculino e feminino” (2019,115).

Oxumaré por ser um jovem muito bonito e andar sempre muito bem vestido, fascinava homens e mulheres com sua beleza. Isso não é visto hoje na sociedade? Um aprisionamento num fascínio pela beleza e juventude enquanto representação da imortalidade? Na história da humanidade, os homens e mulheres sempre tentaram se aproximar do que os diferencia dos deuses, a imortalidade. A configuração arquetípica de Oxumaré acena um deus que optava por uma vida solitária, introspectiva e preferia sempre circular pelo céu com sua faca de bronze, usada para parar as chuvas excessivas. Ainda utilizando a simbologia da cachoeira, ‘Sr. Robertson’ questiona a Jung sobre o porquê de referir, ao falar de tipos psicológicos, que “o introvertido olha para o topo e para a base da cachoeira, enquanto o extrovertido olha para a água entre os dois” e Jung responde:

“Olhar o topo e a base é uma atitude introvertida, esse é justamente o lugar que o introvertido ocupa. Ele mantém distância entre ele e o objeto e, por isso, é sensível aos tipos – ele pode separar e discriminar. Não precisa de muitos fatos e ideias a respeito. [...] o introvertido inclina-se a aceitar facilmente a enantiodromia, porque esse conceito rouba muito poder ao objeto, enquanto o extrovertido, não tendo nenhum desejo de minimizar a importância do objeto, está disposto a atribuir-lhe poder” (JUNG, 2014, p. 126-127, seminários).

Enquanto padrão introvertido, a libido se volta para o inconsciente e pode exercer um padrão criativo, de transformação da personalidade, mas também, pode culminar em uma condição crônica e difusa (esquizoide) caracterizada pelo isolamento social voluntário e por sentimentos de indiferença em relação a outras

peçoas, vistos como distantes, afastados e indiferentes. Um estado de tristeza profunda. A vida solitária de Oxumaré, sem nunca ter se casado, revela um aspecto virginal, que na tradição judaico-cristã transita pela imagem arquetípica da pureza e do angelical. Entretanto, na vida de cada dia/noite, (re)vela-se numa cultura ocidental patriarcal impregnada pela sombra moralista e repressora do cristianismo que atravessa psicologicamente toda sociedade.

Outra lenda conta a história que até mesmo Xangô, tentou se aproximar dele, sem êxito. Nogueira (2024), discute o mito de Xangô e sua representação iconográfica da masculinidade e da força, buscando ampliar a compreensão do masculino, para além da visão binária, polarizada de feminino/masculino. O mito de Oxumaré nos dá conta que Xangô armou uma emboscada para pegá-lo, chamando-o até seu reino, o que envaideceu o rapaz, visto Xangô ser um rei de muito prestígio e poder. Para Kast (2022), o fascínio pode atrair e aprisionar, comportar-se mesmo como uma barreira psíquica:

“[...] um sentimento que nos atrai para espaços desconhecidos, que nos encanta, que nos coage implacavelmente a ceder a essa atração. Isso exige capacidade de entrega [...]. No fascínio, o desconhecido, o estranho, vem ao nosso encontro com uma grande atração energética; por outro lado, nada nos fascina que não tenha pelo menos algum aspecto estranho” (p.57).

Envolvido nesse sentimento, o jovem entrou na sala onde estava Xangô a sua espera e, nesse instante, começa a perceber que se tratava de uma cilada, as portas se fecharam e Xangô o agarrou entre os braços. O rapaz clamou a Olorum, deus supremo, por socorro e foi atendido, transformando-se numa serpente. Assim, fugiu pelo único vão que havia na sala, por debaixo da porta.

Para Jung (2014), “a serpente é um animal mágico e, “quando alguém pensa numa serpente, está sempre em contato com o instinto⁸”. Enquanto imagem arquetípica, a serpente atrela-se ao sentimento (instinto) primordial de medo (p.133-134). O impulso de sobrevivência, representado pelo esgueirar-se da serpente pela fresta, constitui-se em caminho de fluxo diante da porta trancada. A fresta, já estava ali, naquela porta, mas a única chave capaz de abri-la foi a serpente. Isto, tanto pela anatomia alongada, quanto pelo pavor pelo qual xangô, que armou a emboscada, também foi acometido. Para enfrentar o poder do rei

⁸ Os instintos e os arquétipos formam o inconsciente coletivo (JUNG, 2013). [270].

Xangô, estando ele nos domínios do reino daquele deus, o belo rapaz recorreu a um poder maior, clamou ao deus supremo Olorum e, transcendeu, transformou-se, assumiu uma forma animal.

“A elevação da figura humana a rei ou a divindade, bem como o rebaixamento na representação teomórfica (forma animal) indica que os pares de opostos apresentam um caráter que transcende a consciência. Não pertencem eles a personalidade do ‘eu’, mas a ultrapassam” (JUNG, 1985, p. 4).

A cada porta ultrapassada, uma transformação, um trocar de pele da serpente, algo morre para algo renascer. A pele, é o maior órgão do corpo e, metaforicamente poderia relacionar-se com vestes da alma, chaves da vida que funcionam como sensores que ‘gritam’ e alertam sobre perigos internos e externos. Mas, como escutar o sibilo da alma que muitas vezes se faz inaudível quando não nos dispomos a fluir pelo mundo simbólico da ‘beleza’ do arco-íris? Ou, quando nos perdemos do rastro da temível serpente que rasteja a esgueirar-se por caminhos de difíceis acessos? Quantos são capazes de atentar-se ao arco-íris, que aparece tão raramente em cores tão singelas, que surgem já indo embora? Quantos não ficariam somente no fascínio, sem atentar-se no mistério?

Considerações

Nesta fase da escrita, seria possível recomeçar, pois este mito ainda tem muito mais a contar, visto a riqueza de suas narrativas históricas e lendas. Entretanto, a figura arquetípica de Oxumaré nos sinaliza possibilidades de diálogo com temas da atualidade, como a corrida desenfreada pela juventude e beleza, que culmina numa cultura do antienvelhecimento, disfarçada pelo nome de harmonização e que contradiz e pode diluir pautas ligadas a importância da ancestralidade, dos antepassados. Uma dificuldade de viver os ciclos naturais da vida. Finalizo esse artigo, assim como Jung inicia sua escrita do *Liber Secundus*, no *Liber Novus*: “[...]. A porta do mistério está trancada atrás de mim” (2020, p. 9), como um convite a continuar pelas possibilidades do mito Oxumaré na relação com a psicologia analítica.

Referência

ALENCAR, Andrea. **Complexos culturais, polarização e adoecimento dos brasileiros**. Disponível em: <<https://www.cejaa.com/publica%C3%A7%C3%B5es-analistas>>. Acesso em: 03 de mar. 2024.

AUGRAS, Monique. **O duplo e a metamorfose**: a identidade mítica em comunidade nagô. Petrópolis: Vozes, 1983.

BARCELOS, Gustavo. **Mitologias arquetípicas**: figurações divinas e configurações humanas. Petrópolis: Vozes, 2019.

BOECHAT, Walter. **A alma brasileira**: luzes e sombra. Petrópolis: Vozes, 2014.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.

CONTRERA, Malena Segura. **Imaginação e dimensão simbólica da imagem**. Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación, [S.l.], v. 15, n. 29, 2019. Disponível em: <<http://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/500>>. Acesso em: 4 jan. 2024.

JUNG, Carl Gustav. **Mysterium coniunctionis**: pesquisas sobre a separação e composição dos opostos psíquicos na alquimia. Petrópolis: Vozes, 1985.

JUNG, C.G. **A natureza da psique**. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

JUNG, C.G. **Seminários sobre psicologia analítica (1925)**. Petrópolis: Vozes, 2014.

JUNG, C.G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Obras completas vol. IX/I. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

JUNG, Carl Gustav. **Os livros negros**, 1913-1932: Cadernos de Transformação. Livro 1. Ed. SHANDASANI, Sonu. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

NOGUEIRA, Ana Maria. **Xangô**: um mito complexo. Disponível em: <<https://www.cejaa.com/publica%C3%A7%C3%B5es-analistas>>. Acesso em: 12 de mar. 2024.

NOVAES, Camila Souza. **O duplo aspecto da morte**. Revista junguiana, v. 29, n.2, p. 68-77, nov. 2011. Biblioteca Virtual de Saúde. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-610122>>. Acesso em: 05 de abr. de 2024.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SCANDIUCCI, Guilherme. **Alma LGBTQ+**: gênero, sexualidades e alma na contemporaneidade. In: Cadernos junguianos, v.15, n.15, p. 104-124, set. 2019. São Paulo: AJB, 2019.